

O PIB BRASILEIRO: AS NOVAS CONTAS

Investimento cai e fica abaixo de 20% do PIB

Taxa que mede capital investido na economia recua de 20,6% para 16,3% do PIB em 2005

Nilson Brandão Junior
Adriana Chiarini
RIO

A taxa de investimento na economia brasileira é menor do que se calculava anteriormente. Até a nova metodologia do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o nível de investimentos estava na casa de 20% do Produto Interno Bruto

(PIB). Os dados divulgados ontem mostraram que, em 2005, último ano divulgado para a nova série, a taxa era de 16,3% — ante 20,6% da série antiga.

Na prática, o País fica ainda mais distante das taxas que vinham sendo apontadas pelos economistas como necessárias para um crescimento acima de 5% ao ano. Para isso, o Brasil precisaria alcançar um nível de

investimentos de 25% do PIB. Segundo o IBGE, a taxa de investimento caiu porque o PIB cresceu, na comparação com o cálculo anterior, e porque o tamanho da construção, que compõe os investimentos, estava superestimado.

Além das pesquisas anuais de serviços, indústria e comércio, o IBGE também agregou a Pesquisa Anual da Indústria da

Construção (Paic). Para efeito de comparação, o setor que representava 8,7% do PIB em 2000 passou a ter peso de 5,5% na nova série. A construção civil, que participava com quase 58,6% dos investimentos, agora tem peso de 43,5%.

A fatia das máquinas equipamentos dentro da chamada Formação Bruta de Capital Fixo (FBCF), que representa os in-

vestimentos dentro do PIB, saltou de 35,8% para 48,3%. A boa notícia é que o aumento das máquinas significa que os investimentos tendem a ser mais dinâmicos. Além disso, o IBGE constatou que cresceu a utilização de máquinas eletrônicas, em detrimento dos equipamentos mecânicos nos investimentos.

O diretor de Estudos Macroeconômicos do Instituto de Pes-

quisa Econômica Aplicada (Ipea), Paulo Levy, acredita que “a taxa de investimento necessária para se sustentar um crescimento mais elevado provavelmente também é mais baixa do que a gente pensava”. “Os bens de capital tendem a aumentar mais a produtividade e essa composição da FBCF deixa o Brasil mais próximo dos outros países”, afirmou.

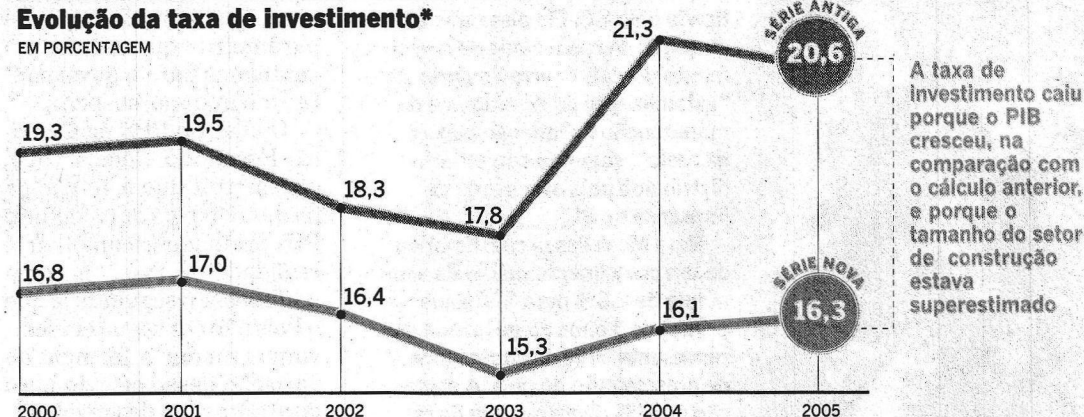
Outro sinal positivo, para o economista Alex Agostini, da Austin Rating, é o fato de o País ter crescido 5,7% em 2004 com uma taxa de investimento de 16,1%. “Crescimento maior com investimento menor revela forte ganho de produtividade.” ●

MENOS RECURSOS

A chave do crescimento

Evolução da taxa de investimento*

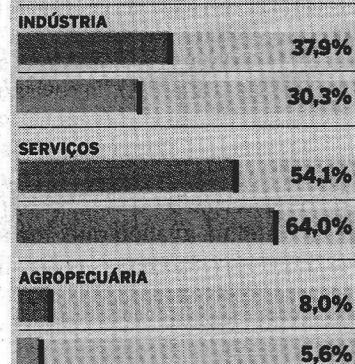
EM PORCENTAGEM



Taxa ficou bem abaixo do nível necessário para o País crescer 5%

Participação das atividades econômicas no PIB**

■ SÉRIE ANTIGA ■ SÉRIE NOVA



SEGMENTOS

SEGMENTOS	SÉRIE ANTIGA		SÉRIE NOVA	
INDÚSTRIA	Extrativa Mineral	4,6%	↓	2,6%
	Transformação	23,0%	↓	18,4%
	Prod. e dist. de eletricidade, gás e água	3,4%	↑	4,2%
	Construção Civil	6,9%	↓	5,2%
SERVIÇOS	Comércio	7,2%	↑	10,7%
	Transporte, armazenagem e correio	1,9%	↑	4,9%
	Serviços de informação	2,9%	↑	4,2%
	Intermediação financ. seguros, prev. complem. e serviços	7,7%	↓	6,8%
	Atividades imobiliárias e aluguel	8,5%	↑	8,8%
	Outros serv.	10,3%	↑	13,4%
	Adm., saúde e educação públicas	15,6%	↓	15,1%

* Formação Bruta de Capital Fixo (FBCF) ** PIB a valor adicionado 2005

FONTE: IBGE

INFOGRÁFICO/AE